

VILA MILITAR, RIO DE JANEIRO, 8 DE AGOSTO DE 1995

*Excelentíssimo Senhor Governador do Estado do Rio de Janeiro, Dr. Marcelo Alencar; Excelentíssimo Senhor Ministro do Exército, General Zenildo de Lucena; Senhores Oficiais-Generais; Senhor Comandante da Primeira Divisão do Exército e da Guarnição da Vila Militar, General Leônidas Silveira Lee; Senhor Comandante da Brigada de Infantaria Pára-Quedista, General Nunes Ribeiro Neto; Senhores Oficiais; Senhoras; Senhores,*

Quero, uma vez mais, expressar aqui o meu agradecimento e o meu reconhecimento. É para mim uma emoção verdadeira, genuína, estar aqui, ter assistido às demonstrações a que assisti e ter tido o prazer do convívio com o alto comando do Exército e com generais que compõem a guarnição desta Vila Militar.

Tenho muitos motivos para isso, desde motivos pessoais, de família. Alguns dos meus ancestrais serviram aqui. Alguns comandaram batalhões aqui, nesta Vila Militar. Alguns comandaram o Exército todo. E eu, desde menino, aprendi a ouvir os nomes Gericinó, Realengo, Vila Militar, antes Praia Vermelha. É para mim, portanto, razão pessoal de

emoção e de satisfação ver diretamente aquilo que conhecia muito mais pela memória do que de ter visto diretamente.

E mais ainda me emociono, neste momento, quando o General Lee me entrega esta condecoração, que é um troféu de guerra e me faz recordar de que, ainda menino, com meu pai, eu ia ao Cais do Porto do Rio de Janeiro, para assistir, de madrugada, ao embarque dos mantimentos e das pessoas que se dirigiam ao Nordeste, que, naquele momento, tinham que ser guardados por forças militares por causa dos torpedos alemães.

A Segunda Guerra, para quem tem minha idade, não é uma memória tão longínqua assim. Recordo-me, ainda, de que eu estava em São Paulo no dia em que desfilaram os pracinhas e os comandantes cujos nomes são mais do que familiares a mim, como o General Cordeiro de Farias, o Marechal Mascarenhas de Moraes, o General Falconière, todos eles pessoas da mais íntima ligação com minha família. Portanto, todas essas recordações, agora reavivadas por este gesto de carinho do General Lee, realmente me emocionam e me fazem sentir prazer em lhes dizer: muito obrigado.

Mas quero adicionar umas palavras. Aquilo a que assisti é uma demonstração de organização, de eficiência, de competência e de treinamento, que dá inveja. Pudéramos nós, os diversos segmentos do Estado brasileiro, ostentar o mesmo sentido de vocação e essa mesma dedicação que leva à competência a que assisti na demonstração que o General Comandante dos Pára-Quedistas me deu a satisfação de explicar passo a passo. Isso afirma a nossa confiança no País.

Nós sabemos, todos, das dificuldades que existem e como é difícil chegar a esse nível de treinamento. Por trás de qualquer demonstração desse tipo estão, como diz o General Lee, o homem, o soldado, o cabo, o sargento, o tenente, o capitão, o major, o tenente-coronel, o coronel e os generais. É preciso um conjunto, é preciso que se jogue o mesmo jogo, que todos estejam imbuídos nos mesmos propósitos, nos mesmos objetivos.

Eu sei reconhecer, quando se vê um adestramento dessa natureza, o sacrifício que está por trás e sei, mais ainda como Presidente da República e, portanto, Chefe das Forças Armadas, as dificuldades pelas quais

elas passam. Podem os senhores oficiais ter a certeza de que o Presidente da República está empenhado em ajudar em todos os aspectos, desde o aspecto necessário para a sobrevivência da família até o aspecto imprescindível do equipamento, para que o Brasil esteja sempre com as Forças à altura do que a Nação já é e do que espera delas: uma visão atenta dos acontecimentos internacionais e a capacidade de assegurar aquilo que é essencial, que é a paz.

É o que estamos fazendo dentro das nossas possibilidades, mas com empenho. E me agradou imensamente ouvir isso reafirmado aqui. E o General Lee disse aquilo no convívio, eu diria, mais que cordial, de amizade, que tenho com o General Zenildo. Tenho certeza de que assim é em todas as Forças Armadas. Elas sabem que nós vivemos permanentemente em transições, que temos que nos ajustar aos tempos. O Brasil hoje é uma grande nação democrática, é uma nação que já tem a capacidade de competir em nível mundial no plano econômico; que está se reorganizando e que espera de todos os seus filhos a compreensão para este momento. Hoje, nós todos temos um só pensamento, democrático e unido. Se, no passado, algo nos separou, no presente tudo nos une e, no futuro, vai nos unir mais ainda, deixando para sempre o passado esquecido, como se diz, em termos de anistia, que já foi dada, e em termos dos reconhecimentos necessários, mas que não extravasarão o limite da anistia.

Eu quero lhes afirmar, Senhores Oficiais, Senhores Gerais, que o Brasil confia nos senhores, o Brasil confia na sintonia que os senhores hoje têm com os anseios do País. Podem os senhores, também, ter a certeza de que o Presidente da República tudo fará para que esse povo continue num caminho de prosperidade, de paz e, sobretudo, de maior justiça, de menor desigualdade, de maior atenção aos mais carentes. E o Exército, que é um exército democrático, está embasado também nos carentes. É um exército que se orgulha, como dizia a mim o General Lee, de ter oficiais que são chineses de origem, japoneses, como um de quatro estrelas que fiz recentemente, pretos, brancos, mulatos, portugueses, da origem que seja, porque nós todos somos uma só coisa: cidadãos do Brasil. E é a esse Brasil que nós temos que devotar a nossa vida.

Muito obrigado.

